



---

PESQUISA - RESEARCH

---

## O jovem Moniz Bandeira entre poesia e militância em Salvador: sentidos de um itinerário intelectual

Luccas Eduardo Maldonado<sup>1</sup>  
Universidade de São Paulo  
[luccas\\_eduardo@hotmail.com](mailto:luccas_eduardo@hotmail.com)

Como citar este artigo: MALDONADO, Luccas Eduardo. “O jovem Moniz Bandeira entre poesia e militância em Salvador: sentidos de um itinerário intelectual”, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº11, pp. 219-243. 2021. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa-

**Resumo:** O presente trabalho realiza uma investigação sobre os primeiros momentos da trajetória do intelectual Luiz Alberto Moniz Bandeira. É explorado como sua atuação política e literária foi lhe influenciando na escolha de determina opções.

**Palavras-chave:** Luiz Alberto Moniz Bandeira. história intelectual. Salvador.

*The young Moniz Bandeira between poetry and militancy in Salvador: meanings of an intellectual itinerary*

**Abstract:** The present work investigates the first moments of the trajectory of the intellectual Luiz Alberto Moniz Bandeira. It explores how his political and literary performance has influenced him in the choice of certain options.

**Keywords:** Luiz Alberto Moniz Bandeira. intellectual history. Salvador.

### Introdução e perspectiva teórica

Luiz Alberto Moniz Bandeira foi um intelectual brasileiro que ganhou notoriedade principalmente por dois motivos: os seus escritos históricos sobre as Relações Internacionais e a sua atuação partidária no final da Ditadura Militar Brasileira. No primeiro plano, existem alguns livros que lhe conferem

---

<sup>1</sup> Graduado em História pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em História Social pela mesma instituição. [luccas\\_eduardo@hotmail.com](mailto:luccas_eduardo@hotmail.com). <https://orcid.org/0000-0003-0476-1600>.

relevância como um interprete da política internacional. No segundo, sua trajetória consolidou-se quando esteve ligado à refundação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)<sup>2</sup> junto de Leonel Brizola, Darcy Ribeiro, Flávio Tavares etc.

A consolidação como intelectual e político apresenta uma personagem que alcançava o ápice do seu capital social. No entanto, tomar o melhor pelo todo mostra-se um erro cognitivo na realização de um exercício analítico. A trajetória de um indivíduo raramente se caracteriza por um sentido único, continuidades e descontinuidades fazem parte do processo. Assumindo-se tal premissa, o presente texto explora uma das parcelas que compõem a biografia de Moniz Bandeira. Mais precisamente, tenciona-se analisar os seus primeiros momentos, a fase inicial identificada ao longo de sua existência, explorando dois âmbitos vocacionais que se dedicou. Nos seus primeiros anos, Moniz Bandeira deslocou-se entre o mundo das letras, como crítico e poeta, e o mundo político, como militante e pensador. Tais arranjos não são antitéticos, com alguma frequência encontram-se personagens capazes de consolidar essas duas habilidades concomitantes. A questão coloca-se na habilidade de conciliar esses interesses quando não são comumente expressos. No jovem Moniz Bandeira, dispõe-se uma frequente correspondência que começaria a diluir-se com o passar dos anos.

### **Primeiras Letras**

Luiz Alberto Moniz Bandeira nasceu em 30 de dezembro de 1935 em um sobrado no bairro de Nazareth em Salvador, Bahia. Era filho de uma família da elite regional. Entre seus parentes, havia um governador da Bahia, Antônio Ferrão Moniz de Aragão, que administrara o estado entre 1916 e 1920 e antes fora senador. Os outros senadores da Bahia na década de 1910 foram Ruy Barbosa e Antônio Moniz Sodré de Aragão, sendo este também parente

---

<sup>2</sup> No primeiro momento, o grupo ligado a Leonel Brizola tencionava reconstituir a histórica sigla fundada por Getúlio Vargas em maio de 1945. Contudo, desenvolveu-se uma briga judicial no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) pelo direito de se usar tal nome no Brasil. Em um lado, requeria os brizolistas; em outro, o núcleo capitaneado por Ivete Vargas. Em maio de 1980, o TSE decidiu em favor de Vargas. Na sequência desse acontecimento, a ala brizolista principiaria a fundação de uma nova legenda, o Partido Democrático Trabalhista (PDT), consolidando o projeto no mesmo ano.

de Moniz Bandeira (ARAGÃO, 1923, p. 599).<sup>3</sup> Seu pai, Custódio, era formado em Engenharia e trabalhava como inspetor técnico do Departamento de Terras e Proteção à Natureza da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio da Bahia.<sup>4</sup> Em uma sociedade com profundas desigualdades e permeada por uma forma de sociabilidade regida por privilégios de classe, a origem familiar não é algo a ser desconsiderada. Um sobrenome produz muitas coisas para um indivíduo. Está diretamente associado à consagração. Ouvia-se Luiz Alberto e em seguida fazia-se uma referência a uma tradicional família com expressivo capital econômico e social. O próprio ato de nascimento de Moniz Bandeira oferece indicativos da sua posição. O jornal da cidade noticiou a sua concepção:<sup>5</sup>

O lar feliz e abençoado de nosso distinto conterrâneo, sr. Custódio Ferreira de Vianna Bandeira e de sua exma. e virtuosa esposa d. Ophelia Moniz Dias Lima Bandeira acha-se, desde ontem, repleto de justas alegrias, com o nascimento de seu gracioso e robusto primogênito, que tomou o nome de Luiz Alberto

O Brasil possuía baixíssimas taxas de alfabetização no período, aproximadamente 65% da população com até 15 anos era analfabeta no ano de 1940 (BRAGA e MAZZEU, 2017, p. 26). Ter o privilégio de transpor as barreiras da formação básica significava alcançar possibilidades facilitadas de ocupar alguns cargos públicos e profissões liberais.

Sua primeira escola foi o Lyceu Salesiano, situado na Praça Conselheiro Almeida Couto, órgão ligado à Igreja Católica. Contudo, pouca relevância tal espaço tem para sua trajetória. O local de aprendizagem mais importante certamente foi o Colégio Estadual da Bahia, situado na Praça Carneiro Ribeiro, onde fez o Clássico entre 1952-1954.<sup>6</sup> O Colégio Central, como é informalmente chamado pelas ruas de Salvador, coloca-se como uma das instituições escolares mais antigas do Brasil, tendo sido fundado em 7 de setembro de 1837.

---

<sup>3</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Resumo genealógica. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

<sup>4</sup> Relato de Maria da Conceição Moniz Silva em 2018.

<sup>5</sup> S. A. Nascimento. Arquivo pessoal de Elias da Rocha Barros, São Paulo. Provavelmente a chamada origina-se do tradicional jornal *A Tarde*, no entanto não há como saber uma vez que o recorte está sem nenhuma identificação.

<sup>6</sup> Sobre o período de permanência de Luiz Alberto Moniz Bandeira no Central da Bahia, foi consultado a sua pasta de aluno no Arquivo do Colégio Estadual da Bahia, em Salvador.

A relevância desse colégio para a biografia de Moniz Bandeira coloca-se nos primeiros acúmulos de capital social e educacional realizados dentro de suas paredes. Foi ali que seu mundo começou a se tornar um pouco mais amplo. Para se ter uma dimensão de sua relevância, alguns colegas no Central foram Cid José Teixeira Cavalcante, Raimundo de Oliveira Borges, José Júlio de Calasans Neto, Antônio Carlos Magalhães, Carlos Marighella, Maurício Grabois, Jacob Gorender, Waly Salomão, Carlos Nelson Coutinho etc.<sup>7</sup>

A relação professoral também deve ser considerada nesse momento de formação de Moniz Bandeira. Pois, trata-se de tutores que pela primeira vez rompem o paradigma familiar. São os primeiros exemplos de admiração que estão além das figuras do pai e da mãe. Entre os professores de Moniz Bandeira, houve dois intelectuais que constantemente mencionou como referências: o geógrafo Milton Santos e o historiador Luis Henrique Dias Tavares.<sup>8</sup> Tais atores, que se tornariam importantes escritores – o primeiro reconhecido pelos seus estudos na geografia humana e o segundo por suas investigações da história da Bahia –, passaram pelas salas do Colégio Central formando gerações.

Nesses primeiros estudos, emergiram dois interesses fundamentais. Essas curiosidades modulariam os seus próximos anos, oferecendo um roteiro no gasto de seu tempo: a faceta de *poeta* e *militante político*. Mostra-se interessante que nos dois casos a ingerência familiar foi incontornável. Sem tais parentes não haveria possibilidade de percorrer os itinerários optados.

Em 1952, quando Moniz Bandeira transitava entre os 16 e 17 anos, o jovem alcançou um tipo de maturidade que o fez deixar de ser um receptor cultural, pelo menos segundo os critérios de sua prima Isa Moniz (1927-2008). Luiz Alberto mantinha o costume de escrever cadernos com comentários literários e poesias. Após realizar uma visita domiciliar, sua prima tomou contato com esses escritos e elaborou um projeto. Isa, formada pela Escola de

---

<sup>7</sup> Relato de Jonildo Bacelar em 2017. Na interação, Bacelar passou um texto por ele escrito esboçando a história do colégio, “Secretaria de Comunicação Social do Governo do Estado da Bahia. Central Completa 178 anos promovendo protagonismo juvenil”.

<sup>8</sup> Moniz Bandeira também recordou de outros professores: “Aqui, na Bahia, onde fui aluno de excelentes mestres – meu saudoso amigo Milton Santos, Luis Henrique Dias Tavares, Acácio Ferreira, Galásio Farias e Sócrates Marback”. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Discurso Doutor h. c. UFBA, 2009, p. 2. Documento do arquivo pessoal de Luiz Alberto Moniz Bandeira.

Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, optou por lhe levar para colaborar no tradicional periódico de Salvador *Diário da Bahia*.

Fundado em primeiro de janeiro de 1856 por Demétrio Ciríaco Tourinho e Manuel Jesuíno Ferreira, o *Diário da Bahia* era uma histórica publicação que longamente se colocou como porta-voz do Partido Liberal em Salvador. Nas suas páginas, colaboraram escritores consagrados como Ruy Barbosa, Rodolfo Dantas, Sátiro Dias, Belarmino Barreto, Manuel Vitorino Pereira, Augusto Guimarães e Xavier Marques. Obteve o ápice do seu prestígio durante o Império, todavia passou por diversas crises e interrupções de impressão na República (SAMPAIO, 2010).

No princípio dos anos 1950, o *Diário da Bahia* encontrava-se com as suas atividades interrompidas. Situação que mudou nos fins de 1951, quando foi reativado pelo Partido Social Democrático (PSD) da Bahia. Os administradores do jornal eram Octacílio Lopes e Aderbal Ribeiro Costa, esse como redator-chefe e este como gerente. Foram postas nessas funções porque se tencionava instituir jovialidade e experiência administrativa à publicação. Quando Lopes assumiu o cargo não possuía 30 anos, enquanto que Costa era uma figura mais experimentada. Ocupara a direção de dois jornais de Salvador (*Diário de Notícias e Estado da Bahia*) pertencentes aos *Diários Associados* (COSTA, 2018, p. 15).

Isa e Luiz Alberto foram dois colaboradores incorporados ao editorial na tentativa de rejuvenescimento. Das mãos de sua prima, o jovem Moniz Bandeira recebeu a coluna *Letras e Artes* na qual lançou ao público os seus primeiros textos. Na sua coluna, principiou um processo de publicação semanal. Seriam três anos dentro do jornal (1952-1955). No primeiro momento, trataria fundamentalmente de assuntos literários e filosóficos, somente mais tarde o seu leque de temáticas expandir-se-ia. Contudo, não desenvolveria apenas comentários, disporia também as suas primeiras poesias ao público e elaboraria entrevistas com os escritores da cidade.

No *Diário da Bahia*, Moniz Bandeira dialogou e forjou contatos. Relacionou-se com diversos autores como Arthur de Sales, Elpídio Bastos, João Moniz Barreto de Aragão, Camilo de Jesus Lima e José Luiz de Carvalho

Filho.<sup>9</sup> Todos eles cruzaram e interagiram com Luiz Alberto. Contudo, os dois últimos foram os mais importantes uma vez que bancaram largamente a sua carreira, tecendo elogios publicamente, indicando obras e oferecendo conselhos. Ter a chancela dessas pessoas constituía-no de uma legitimidade que o autorizava como poeta e jornalista, algo fundamental para um principiante.

O futuro vice-presidente da Academia de Letras da Bahia José Luiz de Carvalho Filho era um desses patrocinadores. Carvalho Filho foi um advogado que fez carreira dentro do judiciário baiano. A prática literária também era palco de suas atenções. Desde primeira hora, estava inserido nas experimentações modernistas da Bahia na revista *Arco & Flexa*, juntamente com Eugênio Gomes, Pinto de Aguiar, Eurico Alves, Hélio Simões, Godofredo Filho e Carlos Chiacchio.

Na livraria Civilização Brasileira, situada na Rua Chile, os dois reuniam-se de tempos em tempos para conversar, sendo aquele espaço um dos epicentros da comunidade literária da cidade onde passavam Jorge Amado, Zélia Gattai, João Ubaldo Ribeiro e outros. A relação não era simplesmente uma amizade, configurava-se algo mais profundo: uma postura de professor e aprendiz. A diferença de quase 30 anos impunha a forma. O mais velho, que usava terno branco como convinha ao seu ofício, e o mais novo, de calça e camisa sem gravata, encontravam-se nos balcões da loja para dialogar.<sup>10</sup>

A primeira publicação da vida de Luiz Alberto deu-se em 28 de junho de 1952, quando iniciou a circulação de sua coluna *Letras e Artes*. O texto inaugural intitulou-se “Carvalho Filho”. O começo da escrita remetia ao seu professor. O que não se mostra possível responder é se o relacionamento dos dois era pretérito à publicação ou a partir de então houve a aproximação. Independentemente da resposta, o jovem teceu um elogio considerável ao poeta nesse texto, reconhecendo a capacidade de construção de imagens elaboradas. Exploraria admiravelmente a vida, a morte, o amor e outras temáticas abstratas. Na conclusão, taxa-o como “uma das joias raras que abrilhantarão a atual literatura brasileira”.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Relato de Luiz Alberto Moniz Bandeira em 2016.

<sup>10</sup> Relato de Altamirando Borges Camacam em 2018.

<sup>11</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Carvalho Filho. *Diário da Bahia*, Salvador, 28 de junho de 1953, p. 7.

Camilo de Jesus Lima e Carvalho Filho eram os principais influenciadores no âmbito das artes de Moniz Bandeira. Todavia, os dois são significativamente contrastantes. Enquanto o segundo está mais preocupado com o arranjo e a métricas das palavras, Lima colocava-se como um poeta de outras linhagens, voltando-se expressivamente para a tarefa de conjugar as problemáticas sociais com a construção dos versos. As lutas sociais foram a sua principal temática ao longo da vida em seus sete livros publicados. Trabalhou em dois jornais em Salvador (*A Tarde* e *Diário da Bahia*) nos anos 1950, jornais esses que Moniz Bandeira concomitantemente colaborou, sendo provavelmente desse contexto a origem da conexão entre eles. A questão é que repetidamente Luiz Alberto escreveu sobre e interagiu com Camilo de Jesus Lima, redigindo de maneira elogiosa e com ele fazendo entrevistas.<sup>12</sup>

### Virada Política

O interesse político precocemente esteve em Moniz Bandeira e tal característica expressou-se nos textos que redigiu para o jornal. Mostra-se interessante que no seu acervo de trabalhos jornalísticos dispõe-se dois polos temáticos. Por um lado, aloca-se uma atenção frequente para o modernismo, tanto o nacional, quanto o europeu. Por outro, arranja-se um olhar para a política, contudo em uma dimensão precisa. O rapaz atentava-se para autores clássicos que a pensaram como problemas filosóficos e literários.

No entanto, o garoto não se dispunha a redigir sobre as diversas tensões que envolviam a política nacional e regional. Seu horizonte de escrita remetia aos séculos pretéritos, somente mais tarde ocorreria uma virada para o tempo presente. Isso não quer dizer que não observasse o cotidiano debate sobre essas questões. A Bahia do Estado Novo e da 4ª República era um ambiente envolto de disputas nas quais Getúlio Vargas e suas influências sempre estavam postas, tendo os parentes de Moniz um papel frequente nesses enfrentamentos. A família de Luiz Alberto era uma aliada histórica de José Joaquim Seabra, oligarca regional que fora governador do estado no início da

---

<sup>12</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. A Poesia e o Poeta devem ser atuais e surpreender! *Diário da Bahia*, Salvador, 4 de janeiro de 1953, p. 7. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. A poesia de Camilo Jesus de Lima. *A Tarde*, 7 de julho de 1955, p. 7.

década de 1910 – seu sucessor no executivo seria Antonio Moniz (ARAGÃO, 1923, p. 599).

Com a Revolução de 1930, Seabra e seus correligionários apoiaram Getúlio Vargas, esperando ser recompensados. A chapa que derrotara Vargas antes do levante, encabeçada por Júlio Prestes, mantivera entre seus membros um vice que era opositor a Seabra. Tratava-se do então governador da Bahia Vital Soares, ligado a outra família da oligarquia regional, os Goes Calmon. Em consequência da ríspida conduta ao seu governo, que junto de São Paulo marca os dois estados mais antagonistas ao novo presidente, Vargas decidiu nomear um interventor na Bahia extremamente alinhado com suas pretensões. Nessa esteira, o tenente Juracy Magalhães foi indicado, acarretando o profundo desagrado das oligarquias regionais, entre elas a linhagem dos Seabras. Com tal opção, estabelece-se o “autonomismo”, movimento das famílias abastadas estaduais que não acatavam a ingerência do governo federal ou outra instância exógena na Bahia, sendo a família Moniz um dos seus adeptos, embora de segunda hora (RISÉRIO, 2004, p. 484-489). Moniz Bandeira cotidianamente ouvia a respeito desses acontecimentos e de seus desdobramentos, mas não se sentia ainda disposto a ponderar nos jornais.

O primeiro texto jornalístico de Moniz Bandeira sobre política era uma breve consideração sobre o Café Procope, onde diversos intelectuais franceses encontravam-se durante a Revolução Francesa para dialogar.<sup>13</sup> Emerge então nos seus escritos uma fixação constante por autores iluministas e críticos sociais contemporâneos. Nessa esteira, Lord Byron<sup>14</sup> seria de longe a sua mais constante referência. Em algumas publicações, os dois polos de redação confundiam-se, explorando as críticas que alguns autores modernistas conceberam aos problemas sociais do século XX. Federico García Lorca foi mais de uma vez requisitado de tal maneira, sendo personagem comum de suas atenções.<sup>15</sup> A curiosidade pelo poeta revolucionário espanhol seria muito

---

<sup>13</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Café Procope. *Diário da Bahia*, Salvador, 5 jul. 1952, p. 7.

<sup>14</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Ideologia de Byron. *Diário da Bahia*, Salvador, 27 ago. 1952, p. 7. \_ Caim... Justificação e Revolta. *Diário da Bahia*, Salvador, 2 set. 1952, p. 7. \_ Lord Byron e os poetas brasileiros. *Diário da Bahia*, Salvador, 22 nov. 1952, p. 7.

<sup>15</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. Garcia Lorca – mártir do socialismo. *Diário da Bahia*, Salvador, 2 set. 1952, p. 7.

presente em Moniz Bandeira, fazendo-o preservar as suas *Obras Completas* em sua biblioteca pessoal.<sup>16</sup>

Os interesses políticos de Moniz Bandeira, todavia, não se resumem a curiosidades exclusivamente derivadas do passado. Existe uma fundamental característica social nessa relação que se desdobrou de caminhos curiosos. Moniz Bandeira possuía dois grandes amigos de sua idade com os quais convivia e estudava no Central da Bahia. Tratam-se de João Eurico Matta (1935-)<sup>17</sup> e Paulo Fernando de Moraes Farias (1935-).<sup>18</sup>

Uma questão no âmbito político que permeava essa relação encontra-se na atenção que Moniz Bandeira desenvolveu para com o pai de seu amigo João, Edgard Matta. Importante advogado criminalista que fora uma figura central na Bahia nos anos 1930 e 1940. Em 1935, durante o governo do interventor Juracy Magalhães, Matta organizou estadualmente a Aliança Nacional Libertadora (ANL), sendo o seu presidente regional.<sup>19</sup> A ANL defendia um processo de modernização antifeudal e anti-imperialista da sociedade brasileira e se fixava como oposição ao movimento integralista que estava crescendo no país.

Não obstante Getúlio Vargas dissolve-se a ANL em julho de 1935, os movimentos de oposição ao seu governo não se encerraram. Matta preservou uma posição crítica ao Estado Novo, participando das campanhas democráticas, e defendeu a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados, sendo preso por causa do primeiro posicionamento (FALCÃO, 2000, p. 28). Nesse período, tratando-se de um exímio orador, diversas vezes multidões reuniram-se na frente do sobrado de Edgard Matta para ouvi-lo. Em uma dessas oportunidades, o pequeno Luiz Alberto observou Matta pronunciando-se acerca de fatos políticos recentes diante de um público que carregava retratos de Prestes e Stalin (MALDONADO, 2017, p. 211-212).

---

<sup>16</sup> Relato de Paulo Fernando de Moraes Farias em 2018.

<sup>17</sup> João Eurico Matta atualmente é docente aposentado na UFBA.

<sup>18</sup> Médico e historiador, Paulo Fernando de Moraes Farias é atualmente professor na Universidade de Birmingham na Inglaterra. Trata-se de um dos mais importantes africanistas brasileiros.

<sup>19</sup> “Conforme fora anunciado no Diário da Bahia. O diretório composto pelos advogados Edgard Matta (presidente), Cantidio Teixeira (vice-presidente), o engenheiro Valle do Cabral (secretário geral), doutorando Fernando Marques dos Reis (sub-secretário) e Lourival Nascimento (tesoureiro)” (Primo, 2006, p. 35).

Houve outro evento de expressiva relevância nesse sentido. O primeiro contato que Moniz Bandeira teve com o comunismo deu-se na casa de Edgard Matta em 1950. Nesse momento, o antigo militante afastara-se da atividade política direta, dedicando-se exclusivamente a sua carreira de jurista e docente, após não ter se eleito deputado constituinte em 1945 pelo PCB (FALCÃO, 2000, p. 272). Na biblioteca de Matta, Moniz Bandeira encontrou o livro *O Poder Soviético* do Deão de Canterbury Hewlett Johnson (1943) e o pediu emprestado, não tendo restrições (MALDONADO, 2017, p. 211-212; MONIZ BANDEIRA, 2017, p. 10).

*O Poder Soviético* foi uma tentativa de aproximação do mundo ocidental cristão com o que estava configurado na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Uma leitura profundamente simpática da realidade russa e ao mesmo tempo a apresentação de um projeto político internacional, pois concebe que a derrota do nazismo estaria associada à composição de uma aliança entre a Inglaterra, os Estados Unidos da América e a União Soviética. *Best-seller* na Inglaterra, lá publicado com o título de *The Socialist Sixth of the World* (1939), rapidamente foi trazido para o Brasil pela editora simpática ao PCB Calvino, tendo sua primeira edição em 1943 e uma reimpressão em 1945.

A questão é que *O Poder Soviético* marcou Moniz Bandeira. O jovem acabou por comprar algumas noções propagandísticas a respeito da URSS e de Stalin. Há de se considerar também que a presença desse partido na Bahia era expressiva. Diversos nomes vitais da organização na Quarta República (1945-1964), que inclusive compuseram o Comitê Central, originaram-se no estado e lá atuavam frequentemente, entre eles Carlos Marighella, Jacob Gorender, Jorge Amado, Mário Alves, Giocondo Dias, Armênio Guedes etc.

### **Trotskismo**

No princípio de 1951, Edmundo Moniz (1911-1997) foi visitar a família em Salvador. Edmundo era filho do advogado Antonio Moniz, integrante da elite política baiana que fora senador da República durante a década de 1920.<sup>20</sup> Naquela oportunidade, conheceu o sobrinho que desenvolvia os seus primeiros pensamentos políticos. A dialogar com o garoto, ouviu-o dizer que Stalin era

---

<sup>20</sup> CORREIO DA MANHÃ. Falleceu, hontem, o ex-senador Antonio Moniz. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1931, p. 3.

“o maior homem político contemporâneo”; inconformado contestou: “Por que diz isso? Trata-se de um carnicheiro” (MONIZ BANDEIRA, 2017, p. 10).<sup>21</sup> Menos de um ano depois do contato com o Deão de Canterbury, dava-se uma virada qualitativa. Começava um estágio trotskista em sua trajetória uma vez que foi amplamente convencido pelo tio. Conviveriam os interesses literários e políticos permeados pela presença intelectual de Edmundo.

Arma-se, assim, um trotskista sem trotskismo, devido a total inexistência dessa corrente em Salvador naquele período. Mesmo mais tarde não chegaria a se ligar à organização da IV Internacional no Brasil, o Partido Operário Revolucionário (POR). Moniz Bandeira conectou-se intelectualmente com a *primeira geração de trotskistas brasileiros* (KAREPOVS e MARQUES, 2007, p. 146-147) em uma relação de aprendizagem, assumindo algumas de suas posturas teóricas. Nessa formação, Moniz Bandeira apresentava-se como trotskista em Salvador, incitando diversos enfrentamentos.<sup>22</sup> Em uma dessas oportunidades, o jovem teve uma discussão com alguns colegas ligados à União da Juventude Comunista (UJC) no último ano do Clássico do Central da Bahia a respeito do caráter autoritário de Stalin e do centralismo democrático, armando-se para isso com o conhecido Testamento de Lenin no qual o líder bolchevique realiza algumas duras críticas a Stalin, recomendando aos altos dirigentes soviéticos a remoção do cargo do então Secretário Geral (MONIZ BANDEIRA, 2017, p. 10-11).

Na vida de Moniz Bandeira, mostra-se inquestionável que o seu maior influenciador foi Edmundo Moniz. O primeiro livro que o tio entregou para Luiz Alberto foi uma coletânea de textos seus sobre artes e marxismo, *O Espírito das Épocas* (1950). Escritos esses que foram quase todos editados originalmente no jornal *Vanguarda Socialista*, publicação na qual Edmundo colaborara.<sup>23</sup> Outra obra que presenteou o jovem foi *Minha vida* de Leon Trotsky (MALDONADO, 2017, p. 211-212).

---

<sup>21</sup> Relato de Paulo Fernando de Moraes Farias em 2018.

<sup>22</sup> Relato de Paulo Fernando de Moraes Farias em 2017. Relato de Altamirando Camacam em 2018.

<sup>23</sup> “De agosto de 1945 a maio de 1948, Mario Pedrosa liderou, no Rio de Janeiro, um grupo formado em grande parte por ex-trotskistas para editar o semanário *Vanguarda Socialista*, que acabou exercendo influência sobre um círculo de esquerda fora do Partido Comunista”; sobre os seus componentes, “Plínio Mello fornece a seguinte lista: Edmundo Moniz, Antonio Candido, Barreto Leite Filho, Hilcar Leite, Hélio Pellegrino, Arnaldo Pedrosa d’Horta, Paulo

Alguns escritos que Moniz Bandeira elaborou no *Diário da Bahia* portavam uma ingerência muito grande de seu tio no que se refere a literatura. Em *O Espírito das Épocas*, Edmundo, remetendo ao conceito *Zeitgeist*, realiza análises das obras de alguns autores, como Dante Alighieri e Johann Wolfgang von Goethe, em um prisma de comparação texto-contexto. Nessa esteira, o veterano trotskista postula que todo escrito reflete o tempo no qual está inserido, desenvolvendo argumentos a partir de uma série de premissas marxistas definidas como “dialética da ficção”. Trata-se de uma abordagem que, exacerbando-se a dimensão do contexto, encerra uma série de problemáticas dos Estudos Literários, ao carecer de aprofundamentos sobre a estrutura narrativa e a forma. Moniz Bandeira inspirar-se-ia no seu tio e reproduziria esse formato em muitos de seus textos nas páginas do *Diário da Bahia*.

Edmundo Moniz nasceu em Salvador, mas logo rumou para o Rio de Janeiro, devido à carreira política de seu pai, onde construiu boa parte de sua vida, atuando como jornalista, crítico de arte, chefe editorial do *Correio da Manhã* e diretor do Serviço Nacional de Teatro.<sup>24</sup> Embora seja mais lembrado por ser um dos autores dos editoriais “Chega! Basta!” e “Fora!” publicados no *Correio da Manhã* na antessala do golpe de 1964,<sup>25</sup> Edmundo Moniz teve uma expressiva biografia política. É uma figura importante na história das esquerdas brasileiras, especialmente nos desdobramentos da primeira geração trotskista. Fora um quadro da Liga Comunista Internacionalista em 1933, junto de Mario Pedrosa, Livio Xavier, Fulvio Abramo e Rodolfo Coutinho (KAREPOVS, 2017, p. 56). Além disso, traduziu um livro de Trotsky (s.a), *Da Noruega ao México: Os crimes de Stalin* e prefaciou uma antologia poética de Bertolt Brecht (1977).

A sua aproximação com o trotskismo deu-se permeada pela relação que cultivou com Rodolfo Coutinho, um quadro do Sindicato dos Professores do

---

Emílio Sales Gomes, os irmãos Abramo, Miguel Macedo, Azis Simão, Febus Gikobate, Freitas Nobre, Patrícia Galvão, Geraldo Ferraz, Luiz Alberto Bahia” (Karepovs, 2017, p. 82).

<sup>24</sup> O Serviço Nacional de Teatro foi criado em 21 de dezembro de 1937 durante a administração de Getúlio Vargas. Sua função era estimular e financiar o teatro no Brasil. Foi uma das instituições constituídas pelo ministro da Educação e Cultura Gustavo Capanema (Camargo, 2017).

<sup>25</sup> Para ler os dois editoriais, cf. Andrade (1991, p. 44-46). Sobre a história desses textos, cf. CONY, Carlos Heitor. Um basta no ‘basta’. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 de novembro de 2002.

Rio de Janeiro no qual Edmundo atuava enquanto era estudante de Direito na Universidade do Brasil no Rio de Janeiro. Logo depois, acercou-se de Mario Pedrosa (1900-1981), com quem estabeleceu amizade e realizou alguns projetos. Ambos estiveram envolvidos no debate e na divulgação sobre as conexões entre surrealismo e marxismo. Com esse interesse, publicaram o manifesto,<sup>26</sup> “Por uma arte revolucionária Independente”, no *Vanguarda Socialista* em 1946 que Leon Trotsky e André Breton tinham redigido no México no final da década de 1930 como uma resposta a imposição soviética do realismo socialista (ROCHE, 1985, p. 13). Tal questão colocar-se-ia como um interesse de longa data das personagens uma vez que ambos colaborariam em uma coletânea, *Breton, Trotski. Por uma Arte Revolucionária Independente*, na década de 1980 dedicada a estudar a interação entre o líder bolchevique e o artista modernista (FACIOLI, 1985, p. 13).

Não obstante a diferença de idade de quase dez anos, Edmundo e Mario conviveram em espaços sociais semelhantes durante as primeiras décadas do século XX no Rio de Janeiro. Filhos de advogados e legisladores na capital da República, circulavam por locais das elites políticas. Ambos cursaram também a carreira de Direito na Universidade do Brasil<sup>27</sup> e frequentavam os campos artísticos modernistas da cidade. Edmundo Moniz redigiu algumas poesias para o *Correio da Manhã* e auxiliou na fundação de um clube de cultura moderna junto de importantes personagens como Valério Konder, Edgard Roquette-Pinto, Jorge Amado, entre outros.<sup>28</sup>

O contato inaugural com o trotskismo ocorreu quando Moniz era estudante de Direito na Universidade do Brasil na primeira metade da década de 1930 e se integrava a disputa das frações trotskista e stalinista existentes dentro do PCB. Com a decisão da ala trotskista de se converter em uma instituição autônoma na Segunda Conferência Nacional da Liga Comunista do Brasil (CASTILHO e KAREPOVS, 2007, p. 133), Edmundo optou por se unir a nova organização (MONIZ, 2011, p. 168).

---

<sup>26</sup> Em depoimento, Edmundo Moniz disse que a tradução do manifesto coube ou a Mary Pedrosa, esposa de Mario, ou a Patrícia Galvão, embora não expresse uma posição taxativa (Moniz, 1985, p. 132).

<sup>27</sup> Atualmente a instituição chama-se Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trata-se de uma das mais antigas instituições de ensino jurídico no Brasil, fundada em 1891.

<sup>28</sup> O RADICAL. Club de Cultura Moderna: a fundação desta sociedade de estudos e a eleição de sua primeira diretoria. *O Radical*, Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1934, p. 2.

Concomitantemente a esse processo, dava-se a ascensão do Nazismo e as esquerdas buscavam formas de contestá-lo. No Brasil, os diversos grupos marxistas também estavam envolvidos nessa iniciativa, contudo voltados contra o núcleo que assumiu o ideário totalitário no país, o Integralismo. Edmundo arregimentava-se dentro da Liga Comunista Internacionalista e no seu curso universitário, assim como também fazia Mario Pedrosa em outros espaços. Foi nesse momento que Pedrosa e Moniz se conheceram após um dos pontos mais altos dos enfrentamentos entre marxistas e integralistas, a batalha da Praça da Sé em 7 de outubro de 1934. Na luta, Mario saiu ferido (KAREPOVS, 2017, p. 56).

Algum tempo depois, Edmundo Moniz participou do comitê de organização do Congresso da Juventude Operária-Estudantil em 1934. Iniciativa empreendida principalmente pela Juventude Comunista, na esteira das ações da Aliança Nacional Libertadora em 1935, que visava a criação de uma organização nacional de estudantes. O comitê era presidido por Ivan Pedro de Martins, Carlos Lacerda era seu vice-presidente, Moniz era seu secretário e Jorge Amado esteve envolvido na iniciativa, porém logo se afastou. O projeto não se edificou ao final, pois a escalada da repressão após o fechamento da ANL acarretou o cancelamento do Congresso. Por causa de sua participação, Edmundo seria preso (SANTANA, 2008, p. 29-30; POERNER, 1968, p. 133-135; SANT'ANNA, 2011, p. 56).

Alguns anos passaram e Edmundo seguiu conectado com os objetivos de Mario Pedrosa, após esse se desligar da IV Internacional e se afastar consequentemente do Partido Socialista Revolucionário (PSR) de Hermínio Sacchetta. Ao renunciar a esse projeto, Pedrosa, Moniz e outros correligionários constituiriam uma organização intitulada União Socialista Popular (USP) – reunião heterogênea de personagens que tinha o fim de constituir um partido socialista. Tal grupo aproximar-se-ia primeiramente da União Democrática Nacional (UDN), oferecendo o seu apoio eleitoral ao Brigadeiro Eduardo Gomes nas eleições presidenciais de 1945 em troca que esse se comprometesse com algumas de suas pautas. Edmundo Moniz teria um papel fundamental nesse processo, tornando-se o principal articulador entre as organizações. Pedrosa, no entanto, afastou-se das negociações, dedicando-se fundamentalmente a constituir o jornal *Vanguarda Socialista*, que durou entre

1945 e 1948. O jornal e a USP não eram a mesma organização, até mesmo porque a USP trazia em si colaborações políticas que iam além do campo trotskista, no entanto muito dos seus membros eram comuns, reproduzindo algumas condutas políticas, como o apoio a Eduardo Gomes (KAREPOVS, 2017, p. 81-82).

Juntamente de outros pequenos grupos da esquerda não-comunista como a União Democrática Socialista e a Esquerda Democrática, os integrantes do *Vanguarda Socialista* e da USP converteram-se em uma frente dentro da UDN, partido que logo após a sua fundação conglomerava a oposição ao Estado Novo (HECKER, 2007, p. 30-32). Em 1946, Edmundo teve uma candidatura infrutífera pela UDN ao cargo de vereador na cidade do Rio de Janeiro na esteira da conexão entre as organizações.

A conexão entre UDN e o maior grupo que compunha a frente de apoio eleitoral, a Esquerda Democrática, não muito duraria. Em abril de 1946, estes dedicaram converter-se em legenda partidária, preservando o mesmo nome. Tornaram-se Partido Socialista Brasileiro (PSB) em sua segunda convenção no ano seguinte (HECKER, 2007, p. 33). O grupo de Mario Pedrosa e Edmundo Moniz reunido no *Vanguarda Socialista* não foram unilaterais em relação a se integrar a nova organização. Uma ala ligada a Mario Pedrosa, após alguma resistência dos socialistas, decidiu pela conexão, que se concretizou em abril de 1948. Essa transição entre frente de apoio e integração ao PSB significou a ruptura de horizontes entre Pedrosa e Moniz. Edmundo decidiu por não se pertencer aos socialistas (COGGIOLA, 2003, p. 261).

Mostra-se interessante que, a partir desse momento, Moniz e Pedrosa tomaram caminhos distintos. Anos depois, Pedrosa teria vários conflitos no interior do PSB, sendo expulso da legenda em 1956 (KAREPOVS, 2017, p. 127). No final da vida, participaria da fundação do Partido dos Trabalhadores (PT), organização na qual pouco atuou, e teria uma rápida e infrutífera passagem pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB) em 1966, quando se candidatou a deputado federal. Sua prática nesse momento circunscreveu-se mais a sua carreira como crítico de arte e intelectual marxista.

Edmundo afastou-se da União Democrática Nacional e dedicou-se a atuar como jornalista e escritor, mas ainda assim ocupou alguns cargos no Poder Federal durante o governo JK. Nos seus últimos anos, filiou-se ao PDT

e ocupou o cargo de Subsecretário da Cultura, na secretaria de Darcy Ribeiro, no governo Leonel Brizola no estado do Rio de Janeiro entre 1983-1986 (CALDIERI, 2011, p. 198) – seguindo uma tendência da primeira geração de trotskistas do Rio de Janeiro que em peso se conectaram ao partido trabalhista após o fim da ditadura. Nesse processo, Pedrosa seria exceção no contexto carioca. Mostra-se interessante a diferença de opções políticas que cada um fez no encerrar da trajetória, optando por legendas distintas. Pedrosa foi convidado por Brizola para integrar o PDT, mas não aceitou.<sup>29</sup> Escolhas que descrevem parcialmente deslocamentos políticos e intelectuais que cada um teve durante a Quarta República e a Ditadura Militar Brasileira diante da tradição trabalhista, da figura de Getúlio Vargas e das novas esquerdas. Não obstante os horizontes distintos, reaproximaram-se após a ruptura nos anos 1940. Trabalharam juntos no *Correio da Manhã* e desenvolveram ainda alguns projetos.

### **Diálogos marxistas**

Influenciado por Edmundo, Luiz Alberto alteraria sua maneira de lidar com o comunismo. Distanciado das posições do PCB e concatenado com tio, o rapaz desenvolveu uma curiosidade sobre o marxismo e seus interpretes. Em sua biblioteca pessoal, existem dois exemplares das *Obras escogidas* de Lenin (1948) com a data junho de 1951 rubricada nas primeiras páginas. Da mesma época, há um título de Stalin (1941), *Cuestiones del leninismo*, indicativo parcial do que Moniz Bandeira estava lendo durante o começo dos anos 1950.

A relação com o tio dava-se de maneira periódica em consequência da distância. No cotidiano, o principal interlocutor de Moniz Bandeira sobre o marxismo e as questões sociais era o seu vizinho e amigo Paulo Farias. Personagem extremamente interessante que de maneira semelhante a Luiz Alberto desenvolveu uma curiosidade sobre as esquerdas. Contudo, a sua trajetória conta com roteiros distintos em comparação com a de Moniz Bandeira. Não transitou pelo jornalismo e não se colocou como um trotskista. Seu percurso coloca-se mais como uma forma de jovem *intelectual orgânico* que em algumas instituições de ensino e pesquisa na cidade de Salvador disputava uma interpretação a respeito da história e dos conflitos sociais (GRAMSCI,

---

<sup>29</sup> A carta de Brizola pode ser consultada no Fundo Mario Pedrosa no CEDEM da UNESP.

2004, p. 15). Posição essa que pode ser entendida como perigosa no contexto da capital baiana uma vez que se defrontava diretamente com uma sociedade profundamente elitizada. Tal opção de enfrentamento acarretou a sua demissão sumária na escola onde lecionava e o exílio após o golpe de 1964.

Após terminar os estudos básicos, Paulo Farias ingressou no curso de Medicina da Universidade da Bahia (UBA)<sup>30</sup> devido à solicitações familiares, profissão essa que jamais exerceu. Seus interesses estavam mais vocacionados para as Ciências Humanas, especialmente nas temáticas relacionadas com a questão negra e o mundo africano. Imbuído por essa curiosidade, adentrou na carreira de História da UBA após conquistar o diploma de médico, assumindo uma cadeira de professor no Colégio Central da Bahia. Na Universidade, tornou-se um integrante e responsável pelo setor histórico do Centro de Estudos Afro-orientais (Ceao). Criado em 1959 por iniciativa do filólogo português Agostinho da Silva, o Ceao foi o primeiro espaço acadêmico no Brasil dedicado a estudar a história africana e suas conexões com a história brasileira (REIS, 2019, p. 236-238).

A temática que Paulo Farias optou por aplicar grande parte de sua atenção contava com um apelo social muito forte no mundo pós-1945. O processo de descolonização africano e asiático lançou muitas vezes para o centro do debate público assuntos polêmicos e combativos como as desigualdades econômicas e políticas entre as raças, o desmonte da estrutura colonial, o *apartheid* norte-americano e sul-africano etc. Em suma, uma série de questões centrais da metade do século XX sobre as quais a esquerda marxista tinha em geral uma presença intelectual e política dominante, embora não hegemônica.

Farias coloca-se como um professor e pesquisador disposto a manejar o pensamento marxista para interagir criticamente com as leituras que pregavam a superioridade racial, especialmente fortes na Faculdade de Medicina da Bahia, a autointitulada “Escola Nina Rodrigues” (SCHWARCZ, 1993, p. 247), ou que desconsideravam as diferenças sociais e de classe na história do Brasil. Há de se considerar que Farias atuava nos anos subsequentes

---

<sup>30</sup> Atualmente se trata da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

a publicação de *Casa Grande & Senzala* de Gilberto Freyre (2013 [1933]), ao Estado Novo e ao Holocausto.

Paulo Farias engajar-se-ia em uma disputa ideológica, apresentando formas distintas de ler a realidade social e influenciando um núcleo razoável de pessoas. Coloca-se interessante que chegou a lecionar para o jovem – futuro teórico marxista – Carlos Nelson Coutinho durante esse momento. Personagem atualmente reconhecido principalmente por seus trabalhos de tradução e problematização da obra de Antonio Gramsci. Em entrevista, Coutinho (2006, p. 166) declarou que a primeira pessoa que lhe falou sobre o fundador do Partido Comunista Italiano foi o professor Paulo Farias no Central da Bahia. Isso em um contexto que Gramsci não contava com traduções e tinha poucas citações em língua portuguesa (SECCO, 2002).

### **Faculdade e mudança de rumo**

Em 1954, Moniz Bandeira ascendeu um grau social a mais em Salvador. O jornal mais tradicional da Bahia e um dos mais antigos do país, o *A Tarde*, decidiu o contratar, acumulando assim concomitantemente o novo emprego e o antigo no *Diário da Bahia*. O *A Tarde* foi fundado por Ernesto Simões Filho em 1912, estando ainda hoje em operação. A publicação era o principal veículo editorial dos intelectuais e literatos da cidade (CPDOC, 2010). Os caminhos de Moniz Bandeira até esse posto relacionam-se com conexões familiares. O então redator chefe da publicação, Jorge Calmon, era seu primo. O secretário de redação, Joaquim Cruz Rios, também era um familiar.<sup>31</sup>

Se o ano de 1954 trouxe um salto na carreira e um acontecimento que o impactou, 1955 seria o momento de refletir sobre esses desdobramentos e alçar novos postos e pretensões. Com o encerramento do Clássico, Moniz Bandeira realizou o vestibular para o curso de Direito da Universidade da Bahia, sendo aprovado. Adentrou uma das mais antigas faculdades jurídicas do Brasil, onde o seu amigo João Eurico Matta estudava desde o ano anterior.

Embora a sua trajetória na UBA tenha sido breve, já que no final de 1955 iria para o Rio de Janeiro morar com o seu tio Edmundo Moniz, ainda assim foi um espaço positivo para a sua construção intelectual. Teve que escrever textos nos quais dispensou atenção para o fenômeno político. As suas

---

<sup>31</sup> Entrevista gravada de Luiz Alberto Moniz Bandeira para o jornal *A Tarde*.

noções de marxismo manifestaram-se dentro de uma das matérias do primeiro semestre. Quando no curso de Economia Política, produziu uma breve monografia argumentando que o caráter do sistema econômico da União Soviética era de um Capitalismo de Estado e não socialista (MONIZ BANDEIRA, 2009, p. 24). Assumia a caracterização da URSS que Edmundo Moniz e Mario Pedrosa tinham optado em desacordo com a IV Internacional, demonstrando uma atenção a literatura específica de um debate.

Nessa mesma instituição, contribuiu com a revista dos graduandos do curso de Direito, a *Ângulos*. Fundada em 1950, a publicação era ligada ao Centro Acadêmico Ruy Barbosa e aceitava colaborações de alunos, professores e autores regionais, além de traduzir escritores estrangeiros. Trata-se de uma das mais importantes revistas que floresceram na Bahia da Quarta República devido a diversas matizes de sua riqueza. Junto da *Cadernos da Bahia* e da *Mapa*, a *Ângulos* compõe o núcleo fundamental das publicações seriadas de Salvador naquele momento. Colocava-se esteticamente interessante, pois abria suas páginas para jovens artistas plásticos ávidos por experimentações. Contudo, o seu mais interessante viés certamente é no campo intelectual, sendo possível observar em suas páginas tanto a atenção para pensadores internacionais que tinham grande apelo naquele momento histórico – o existencialismo de Albert Camus, o pacifismo de Romain Rolland, a poesia de Garcia Lorca, o marxismo de Paul Baran e Bertolt Brecht; quanto para escritores nacionais que davam os seus primeiros passos na produção reflexiva.<sup>32</sup> Carlos Nelson Coutinho (1961), enquanto estudante, publicou o seu primeiro trabalho que tange o pensamento de Antonio Gramsci em 1961. Caetano Veloso (1997, p. 209), que era da carreira de Filosofia, também apresentou um escrito na *Ângulos*, mas sobre estética. Glauber Rocha desenvolveu suas primeiras críticas de cinema em suas páginas (MATTA, 1987, p. 36-37).

Em agosto de 1955, saiu um texto de Moniz Bandeira na *Ângulos*. Nessa ocasião, redigiu uma poesia que exaltava a figura histórica de Leon Trotsky, “Um canto para Trotsky”. Trata-se da expressão mais cadente da influência e da filiação de Luiz Alberto para com as ideias de seu tio. Redigida em verso moderno, a poesia lança ainda uma outra dimensão das leituras de

---

<sup>32</sup> Para a lista de colaboradores da revista *Ângulos*, cf. Matta (1987, p. 61-75).

Luiz Alberto no período. Conta com uma epígrafe de André Breton,<sup>33</sup> demonstrando uma curiosidade para a ala do surrealismo que se conjugou com Trotsky. O texto foi retirado de um discurso pronunciado por Breton (1938) em um comício do *Parti Communiste Internationaliste* realizado em 11 de novembro de 1938 e publicado na revista *Quatrième International*.

Contudo, os textos mais interessantes de Moniz Bandeira naquele ano não estavam na publicação do Centro Acadêmico Ruy Barbosa. Foi dentro do tradicional *A Tarde* que disponibilizou uma série de artigos de opinião refletindo sobre os desdobramentos que tinham levado ao suicídio de Getúlio Vargas no ano anterior. Ao longo de 1955, pensou insistentemente sobre o desmonte da base de apoio parlamentar de Vargas, desenvolvendo uma noção crítica a respeito do presidencialismo. Sua opinião colocou-se contrária a essa forma de organização da democracia representativa, uma vez que, devido à estrutura rígida de duração do mandato presidencial, qualquer crise poderia levar a uma instabilidade generalizada, acarretando golpes ou impeachments. Na sua opinião, seria mais plausível para uma administração equilibrada o estabelecimento do parlamentarismo, pois a deposição de um Primeiro Ministro dispor-se-ia menos traumática para a nação em caso de perda de sustentação parlamentar.<sup>34</sup>

Essa reunião de textos do jovem Moniz Bandeira é profundamente importante. Após assistir ao fim do governo Vargas no Rio de Janeiro, o rapaz colocava-se pela primeira vez a pensar e a propor uma questão latente do tempo presente. Mostra-se interessante que nesses escritos há uma não utilização da tradição bolchevique de se problematizar a política. Não se dispõe uma proposição que se tome o Estado, não existe uma revolução, no entanto diferentemente se coloca em pauta uma reforma na lógica do executivo e do legislativo, ou seja, da própria estrutura democrática liberal. Existem linhagens no seu pensamento que ora remetem para uma tradição revolucionária, ora para uma via reformista, desde a sua juventude. A questão é que a primeira se

---

<sup>33</sup> “Je salue le camarade Trotsky, superbement vivant et qui verra de nouveau sonner son heure, je salue le vainqueur et le grand survivant d'Octobre, je salue le theoricien immortel de la revolution permanente”.

<sup>34</sup> MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. A Crise e o Presidencialismo. *A Tarde*, Salvador, 30 abr. 1955, p. 7. -. Parlamentarismo ou Ditadura. *A Tarde*, Salvador, 4 jun. 1955, p. 7. -. A Crise e as Eleições. *A Tarde*, Salvador, 24 set. 1955, p. 7. -. A Consolidação do Regime. *A Tarde*, Salvador, 1 nov. 1955, p. 7. -. A Falência do Presidencialismo. *A Tarde*, Salvador, 18 nov. 1955, p. 7.

tornou hegemônica até meados da década de 1960 e a segunda se converteria centralmente em seu reflexivo após a opção pela socialdemocracia nos anos 1970.

No segundo semestre de 1955, Moniz Bandeira tomou uma decisão que alteraria toda a sua vida. Optou por deixar uma cidade secundária econômica e culturalmente no país como Salvador e foi morar com o seu tio Edmundo Moniz na capital da República. Desde que com ele falara em 1951, esse projeto colocava-se presente. Após se formar no Clássico, a possibilidade mostrou-se factível. Um outro parente de Moniz Bandeira tornara a situação plenamente possível a partir de 1953. Naquele ano, sua tia Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1916-2003) iniciara a publicar alguns textos do jovem em seu jornal, o *Correio da Manhã*. A iniciativa abria caminhos de empregos para ele no Rio de Janeiro. Como proprietária do *Correio da Manhã*,<sup>35</sup> Niomar era uma das pessoas mais influentes do país. Ter uma chancela sua significava consequentemente ter as portas abertas em diversos espaços da elite capitolina.

Dentro do *Correio da Manhã*, trabalhando esporadicamente como *freelancer*, Moniz Bandeira adentrou os grupos políticos e culturais do Rio de Janeiro a partir da mediação de seu tio Edmundo e de sua tia Niomar. Nessas andanças, conheceu Mario Pedrosa, Lívio Xavier e outros trotskistas de primeira geração quando o poeta surrealista Benjamin Péret foi preso em abril de 1956 devido a um decreto de expulsão contra ele expedido durante a década de 1930.<sup>36</sup> Pedrosa reuniu em seu apartamento alguns intelectuais, entre eles Edmundo Moniz, acompanhado de seu sobrinho, para redigir um manifesto exigindo a libertação do francês (COGGIOLA, 2003, p. 245). No texto publicado em diversos jornais,<sup>37</sup> é possível ver o nome de Moniz Bandeira disposto entre outros nomes de consolidados intelectuais.

### **Ponderações Finais**

Entre 1935 e a segunda metade de 1955, o universo geográfico de Moniz Bandeira esteve fundamentalmente circunscrito a Salvador. Sua

---

<sup>35</sup> Na realidade, Niomar naquele momento apenas administrava o negócio juntamente de seu marido Edmundo Moniz. Somente em 1963 se tornaria proprietária com a morte desse. Todavia, isso não diminui sua influência no editorial durante a década de 1950.

<sup>36</sup> Sobre a prisão de Benjamin Peret, cf. Karepovs (1994).

<sup>37</sup> TRIBUNA DA IMPRENSA. Benjamin Peret ameaça greve de fome. Rio de Janeiro, *Tribuna da Imprensa*, 15 abr. 1956, p. 2.

passagem pelo Rio de Janeiro no ano anterior fora intensa, mas rápida. Os contatos familiares abri-lo-iam possibilidades que não estavam postas no Nordeste. Em uma entrevista à *Tribuna da Imprensa* em abril de 1955, Moniz Bandeira, invocado como “jovem escritor”, deixou claro os motivos que o levaram a mudar-se para o Rio de Janeiro: “Os que desejam conquistar o seu lugar ao sol vêem-se na impossibilidade de continuar na província, que nenhuma perspectiva lhes oferece”.<sup>38</sup>

Mostra-se interessante que a política até aquele momento se preservou como secundária para Moniz Bandeira. Cultivava alguns exercícios reflexivos e escritos, no entanto jamais conseguira centralizá-la em sua rotina. No Rio de Janeiro, a situação alterar-se-ia ao começar a mobilizar as bases de um movimento socialista na juventude do PSB. Nessa esteira, coloca-se um deslocamento. Converte-se em jornalista, redator de colunas literárias e militante político.

Esses deslocamentos colocaram-no em um itinerário de crescente concentração de capital social entre as elites sociais primeiro de Salvador e depois do Rio de Janeiro. É como jovem escritor e jornalista que se dirige à capital Federal. É dessa maneira que será fundamentalmente reconhecido até meados da década de 1960. Mostra-se interessante que até mesmo no final da vida algumas pessoas ainda o reconhecessem dessa maneira, como fez Paul Singer (2016, p. 22-23) em uma de suas últimas entrevistas. Da mesma forma, é como jovem escritor e jornalista que começou a se dedicar cada vez mais à organização de um movimento socialista, esboçando problemas que estaria na sua produção intelectual décadas mais tarde.

## Referências

ANDRADE, Jeferson de. **Um Jornal Assassinado: a última batalha do Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 1991.

ARAGÃO, Antonio Ferrão Moniz de. **A Bahia e os seus Governadores na República**. Salvador: Imprensa Oficial do Estado, 1923.

BRAGA, Ana Carolina; MAZZEU, Francisco José Carvalho. O analfabetismo no Brasil: lições da história. **Revista online de Gestão Educacional**, v. 21, n. 1, 2017.

BRECHT, Bertolt. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Leitura, 1977.

---

<sup>38</sup> TRIBUNA DA IMPRENSA. Na Província ninguém tem seu lugar ao sol. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 16-17 abr. 1955, p. 4.

BRETON, André. Visite à Léon Trotsky. **Quatrième International**, nº 14/15, nov.-dez., 1938.

CALDIERI, Sérgio. **Eternas Lutas de Edmundo Moniz**. Rio de Janeiro: Dinigraf, 2011.

COGGIOLA, Osvaldo. O trotskismo no Brasil (1928-64). In: LAGOA, Maria Izabel; MAZZEO, Antonio Carlos (orgs.). **Corações Vermelhos: Os comunistas brasileiros no século XX**. São Paulo: Cortez, 2003.

COSTA, Aramis Ribeiro. A Crônica de Adroaldo Ribeiro Costa. **Revista da Academia de Letras da Bahia**, nº 56, 2018.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Intervenções: o marxismo na batalha das ideias**. São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. Problemática atual da dialética. **Ângulos**, Salvador, nº 17, 1961.

CPDOC. A Tarde. In: ABREU, Alzira Alves de; et al (orgs.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

FACIOLI, Valentim (org.). **Breton, Trotski. Por uma Arte Revolucionária Independente**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.

FALCÃO, João. **O Partido Comunista que eu conheci (20 anos de clandestinidade)**. 2ª ed. Salvador: Contexto & Arte Editorial, 2000.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2013 [1933].

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere: os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

HECKER, Alexandre. Propostas de esquerda para um novo Brasil: o ideário socialista do pós-guerra. In: REIS, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge (orgs.). **Nacionalismo e reformismo radical. 1945-1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

JOHNSON, Hewlett. **O poder soviético**. Rio de Janeiro: Calvino Limitada, 1943.

KAREPOVS, Dainis. Benjamin Péret: surrealismo e trotskismo no Brasil. In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Trotsky Hoje**. São Paulo: Ensaio, 1994.

\_\_\_\_\_. **Pas de Politique Mariô! Mario Pedrosa e a Política**. Cotia: Ateliê, Fundação Perseu Abramo, 2017.

KAREPOVS, Dainis; CASTILHO, José Maques Neto. Os trotskistas brasileiros e suas organizações políticas (1930-1966). In: AARÃO, Daniel Reis; RIDENTI, Marcelo (orgs.). **História do Marxismo no Brasil: Partidos e organizações dos anos 1920 aos 1960**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

LENIN, Vladimir. **Obras Escogidas**. Moscou: Ediciones em Lenguas Estrasnjeras, 1948.

MALDONADO, Luccas Eduardo; et al. Entrevista: Luiz Alberto Moniz Bandeira. **Epígrafe**, São Paulo, v. 4, 2017, p. 208.

MATTA, João Eurico. Índice Geral dos Colaboradores da *Ângulos*. In: MATTA, João Eurico. **Ângulos (a vigência de uma revista universitária)**. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1987.

MATTA, João Eurico. Introdução. In: MATTA, João Eurico. **Ângulos (a vigência de uma revista universitária)**. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1987.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **A Reunificação da Alemanha: do Ideal Socialista ao Socialismo Real**. 3. ed. São Paulo: Unesp, 2009.

\_\_\_\_\_. Canto a Trotsky. **Ângulos**, Salvador, n° 6, 1955.

\_\_\_\_\_. **Lenin: Vida e Obra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

MONIZ, Edmundo. Entrevista com Edmundo Moniz. In: FACIOLI, Valentim (org.). **Por uma Arte Revolucionária Independente**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. **O Espírito das Épocas**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Casa do Estudante do Brasil, 1950.

POERNER, Arthur José. **O Poder Jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

REIS, Luiza Nascimento dos. O exílio africano de Paulo Farias (África Ocidental, 1964-1969). **Tempo**, Niterói, v. 25, n. 2, mai./ago. 2019, p. 436-438.

RISÉRIO, Antonio. **Uma história da Cidade da Bahia**. 2° ed. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

ROCHE, Gérard. Breton, Trotski, e a F.I.A.R.I. In: FACIOLI, Valentim (org.). **Por uma Arte Revolucionária Independente**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1985.

SAMPAIO, Consuelo Novais. Diário da Bahia. In: ABREU, Alzira Alves de; *et al* (orgs.). **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

SANT'ANNA, Irun. **O garoto que sonhou mudar a humanidade**. Rio de Janeiro: Fundação Dinarco Reis, 2011.

SANTANA, Márcio Santos de. Juventude e Questão Social: do liberalismo ao corporativismo. **Sociedade em Debate**, Pelotas, 14 (2), jul.-dez. de 2008, p. 29-30.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SECCO, Lincoln. **Gramsci e o Brasil: recepção e difusão de suas ideias**. São Paulo: Cortez, 2002.

SINGER, Paul. Paul Singer. **Margem Esquerda**, 1° v., 2016, p. 22-23.

STALIN, Joseph. **Cuestiones del leninismo**. Ciudad de México: Ediciones Sociales, 1941.

TROTSKY, Leon. **Da Noruega ao México**. Rio de Janeiro: Epasa, s.a.

VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

VIANA, Francisco José de Oliveira. **Populações Meridionais do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2005 [1920].